

**O TEMOR DO ETERNO E A ORDEM DO MUNDO:
INFINITO E FINITO NOS PROVÉRBIOS DE SALOMÃO**

**THE FEAR OF THE LORD AND THE ORDER OF THE WORLD:
INFINITE AND FINITE IN THE PROVERBS OF SOLOMON**

Vitor Augusto Dias Ericeira*

Resumo: Um dos principais desafios para a adequada compreensão do livro bíblico dos Provérbios — que tem gerado interpretações divergentes na fortuna crítica moderna — diz respeito à maneira como os sábios hebreus concebiam a relação entre o Deus de Israel e os desdobramentos aparentemente automáticos de recompensas e punições conforme o comportamento humano, um aspecto da ordem moral do mundo na doutrina sapiencial que um intérprete célebre denominou de "nexo ato-consequência". A questão está ligada também ao correto entendimento do refrão mais emblemático do livro, "O temor do Eterno é o princípio da sabedoria". Neste trabalho, propomos um modelo hermenêutico-filosófico fundamentado na metafísica do teólogo inglês Austin Farrer, o qual, a nosso ver, permite um entendimento mais eficaz e adequado da fonte do que aqueles fornecidos pelas abordagens tradicionais.

Palavras-chave: Bíblia Hebraica. Sabedoria. Provérbios. Nexo ato-consequência. Austin Farrer.

Abstract: One of the central challenges in understanding the biblical book of Proverbs—an issue that has sparked divergent interpretations in modern scholarship—concerns how the Hebrew sages conceived the relationship between the God of Israel and the seemingly automatic outcomes of reward and punishment according to human behavior, a facet of the moral order of the world in the sapiencial doctrine famously termed the "act-consequence nexus" by one interpreter. The question is also closely tied to the proper understanding of the book's most iconic refrain: "The fear of the Lord is the beginning of wisdom." In this study, we propose a philosophical and hermeneutic model based on the philosophy of the English theologian Austin Farrer, which, in our view, provides a more effective and insightful explanation to the source than those offered by traditional approaches.

Keywords: Hebrew Bible. Wisdom. Proverbs. Act-consequence nexus. Austin Farrer.

* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Metafísica (PPGμ) da Universidade de Brasília (UnB).
Gmail: <vitorericera@gmail.com>.

Introdução

Na antologia¹ de ditos, máximas e poemas que compõem o livro bíblico dos *Provérbios*, parte do que se convencionou chamar literatura de sabedoria, o propósito do “pai”, o eu-lírico que assume a persona salomônica (Provérbios 1.1)², é convencer os ouvintes e destinatários, os “filhos”, a escolherem o caminho da sabedoria. Devem escolhê-lo tanto para que possam evitar a miséria, infelicidade e caos que caracterizam as veredas da insensatez, as quais, em último caso, culminam no Xeol, quanto para que possam, em vez disso, desfrutar de felicidade, paz e vida longa (Provérbios 2.1; 3.1 e frequentemente). O prefácio da coleção anuncia: “Eis os provérbios de Salomão, filho de David, o rei de Israel, palavras de sabedoria e disciplina” (Provérbios 1.1-2), e os seguintes adágios epitomizam o resultado de adquirir ou não sabedoria:

A teimosia dos ingênuos os matará, a presunção dos tolos os destruirá, mas quem me ouve, habitará seguro, livre do temor (Provérbios 1.32-33);

Pois os justos habitarão nesta terra e os de coração puro nela permanecerão; os iníquos, porém, dela serão apartados, e os traiçoeiros dela serão desenraizados (Provérbios 2.21-22).

A sabedoria transmitida pelos provérbios é uma característica transcendental do mundo, é a arquitetura da realidade estabelecida pelo Eterno (יהוה), como nos indicam, entre outras coisas, o famoso trecho da gênese da Sabedoria (Provérbios 8.22-36). Quando o homem vibra, por assim dizer, na mesma frequência da criação, ele é feliz, mas, caso rompa com os limites estabelecidos³, o resultado é o caos.

¹ Composto em sua editoração final pelo que hoje são 31 capítulos, *Provérbios* não é um livro nos sentidos convencionais do termo. Robert Alter sugere uma denominação mais apropriada: “antologia de antologias” (2018, p. 345). Na curadoria final, temos coligidos desde ensinamentos do famoso rei Salomão, a quem a tradição bíblica atribui a autoria de três mil provérbios e mil e cinco cânticos (1Reis 5.12), passando por adaptações de adágios egípcios, até os conselhos de uma mãe para seu filho, um rei em Massa, na região do norte da Arábia. Há uma distância temporal de composição pertinente entre as coleções que compõem a antologia final. Por exemplo, o núcleo do livro, capítulos 10-29, talvez remonte (pelo menos em parte) ao período monárquico de Israel, pré-exílico (anterior ao século VI a.C), enquanto o prólogo, capítulos 1-9, é tardio, datado do período pós-exílico, persa (entre o século VI e IV a.C) ou helenístico (entre os séculos IV e II a.C) (cf. FOX, 2010).

² Os números entre parênteses após o nome do livro bíblico citado referem-se respectivamente ao capítulo e ao versículo. Como padrão para as citações bíblicas usaremos a versão da *Tanah* em português (FRIDLIN; GODOROVITS, 2018). Faremos algumas alterações em certos trechos ou termos quando preferirmos outra tradução, tendo como referência sobretudo o trabalho de Robert Alter (2011). Os originais podem ser consultados na *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (BHS) online. Disponível em: <<https://www.die-bibel.de/en/bible/BHS/PRO.1>>. Acesso em: 1 de maio de 2025. Restringimo-nos a algumas poucas transcrições do hebraico.

³ Raymond Van Leeuwen é um dos autores que já explorou o relevante conceito de liminaridade em *Provérbios*. Ver seu artigo “Liminality and Worldview in Proverbs” (1990).

Para compreender adequadamente as instruções do pai aos seus filhos, é necessário articular essa visão que os sábios hebreus defendiam acerca do mundo criado, e que aqui podemos chamar, com vistas ao argumento, de metafísica do sábio. Explicamo-nos: O que queremos dizer por metafísica do sábio é a visão de realidade, frequentemente tácita, ou pelo menos obscura para o leitor moderno, que proporciona plausibilidade ao ensino; são os porquês subentendidos que dinamizam as diversas estratégias retóricas, instruções e imagens da antologia.

Um dos aspectos principais dessa metafísica que tem suscitado a atenção dos intérpretes modernos já há algum tempo é a forma pela qual certos ditos que sugerem desdobramentos intrínsecos, automáticos, aos atos de uma pessoa, vinculam-se ou não a outros que afirmam o envolvimento direto de Deus na punição e na recompensa. Isso se relaciona também, é claro, com o famoso estribilho da antologia: “O temor do Eterno é o princípio do conhecimento”⁴ (Provérbios 1.7; cf. 9.10; 15.33). Abaixo discutimos algumas propostas interpretativas, argumentando porque nos parecem defeituosas, e a seguir sugerimos um modelo hermenêutico-filosófico que ao nosso ver reverbera mais pertinentemente com o texto.

1. Deus e o nexa de ato-consequência

Em 1955, o estudioso alemão Klaus Koch propôs o conceito do “nexa de ato-consequência” (*Tat-Ergehen Zusammenhang*) para explicar a ideia de recompensa e punição na Bíblia Hebraica⁵, particularmente realçada em *Provérbios*. Segundo esta interpretação, recompensas ou punições estão integralmente acopladas aos atos de um homem, sem que seja preciso interferência divina. Robert Alter, o grande tradutor da Bíblia Hebraica para o inglês, chama isso de um “mecanismo moral intrínseco” (*a built-in moral mechanism*)⁶.

Uma tese como essa não raramente leva os acadêmicos envolvidos com estudos bíblicos a um de seus expedientes prediletos: inferir múltiplos autores para os textos, e, assim, dissecar a diversidade e incongruência na suposta unidade. Grosso modo, isso se aplica no caso de *Provérbios* da seguinte maneira: um trecho comunica que existem desdobramentos intrínsecos para as boas ou más ações de um homem, como “O que cava um poço nele cairá; e o que rola

⁴ רַצַּת הַיְהוָה רֵאשִׁית בְּעֵת

⁵ (KOCH, 1972). O artigo original chama-se “Gibt es ein Vergeltungsdogma im Alten Testament?”

⁶ (Alter, 2011, p. 196).

uma pedra a verá volver sobre si” (Provérbios 26.27), e outro atribui tais desdobramentos à agência divina, “A maldição do Senhor está na casa do ímpio, mas abençoa a morada dos justos. Ele zomba dos zombadores, mas aos humildes concede o seu favor” (Provérbios 3.33), logo, temos aqui dois autores diferentes, de tradições sapienciais com ideologias contrastantes.

O mesmo tipo de raciocínio é aplicado ao caso do aprendizado da sabedoria. Supostamente, nas partes mais antigas da antologia, o jovem se tornava sábio pela disciplina e pelo esforço focado no ensino tradicional⁷. Mas no prólogo, dizem-nos, obra de mãos tardias mais piedosas, a sabedoria passa a ser vista como um dom de Deus.

O livro de Provérbios não é meramente uma antologia, mas uma antologia de antologias. É composto de seis unidades discretas, cada uma editorialmente assim marcada no cabeçalho, com diferenças notáveis de ênfase e estilo. Capítulos 1-9 formam um tipo de prólogo geral para o assunto da instrução da sabedoria...*O tema recorrente nesta unidade inicial de que o temor do Senhor é o princípio da sabedoria também a distingue das coleções subsequentes, nas quais a sabedoria é mais tipicamente imaginada como uma arte humana transmissível sem amarrações teológicas (grifo nosso)*⁸.

Portanto, segundo essa interpretação recorrente, o motivo pelo qual certos ditos são contraditórios com outros, contrastando a visão de uma ordem que funciona de modo autônomo com outra que afirma o envolvimento de Deus até nos mínimos detalhes, é que eles de fato são contraditórios, refletindo o choque entre visões sapienciais distintas dentro da mesma antologia.

Mas caso um curioso leia com cuidado a parte mais antiga, “sem amarrações teológicas”, perceberá que Deus é um protagonista bem maior do que uma tal afirmação gostaria (e.g. Provérbios 16). Fundamentalmente, entretanto, ao nosso ver, o que é revelado quando intérpretes modernos postulam ideologias contrastantes e múltiplos autores com base no argumento acima é a diferença de sua metafísica e pressupostos contra a dos sábios antigos⁹. Alguns estudiosos encontram uma pedra de tropeço na ideia de que a sabedoria seja adquirida pelo esforço concentrado e pelo dom de Deus; para eles há incoerência aqui, seu pensamento não admite um “e” na frase, talvez aceite um “ou”. Séculos de deísmo o ensinaram até a conceder a primazia de Deus em estabelecer leis gerais autônomas: dele seria o dedo que

⁷ e.g.: “O filho sábio atende à instrução de seu pai, mas o escarnekedor não dá ouvidos à repreensão” (Provérbios 13.1).

⁸ (ALTER, 2011, p. 183–184)

⁹ O problema não é com o postulado de múltiplos autores na antologia dos Provérbios, o que não é nenhum mistério, já que a própria fonte deixa isso claro nos cabeçalhos das divisões (e.g. Provérbios 1.1; 10.1; 22.17; 24.23; 25.1; 30.1; 31.1), mas que essa conclusão decorra do argumento acima, cuja premissa é a de que o texto está em contradição consigo mesmo.

empurra a primeira peça de dominó e se afasta para contemplar a sequência, ou que ajusta os mecanismos do grande relógio¹⁰.

Essa projeção tácita de modelos metafísicos modernos sobre a fonte, feita com frequência sem o cuidado crítico necessário, torna-se uma barreira conceitual e interpretativa, assim como as supostas “tendências humanistas” da literatura de sabedoria o foram numa das fases da história da interpretação¹¹. Porém, o sábio hebreu não cora ao dizer que a sabedoria vem do esforço concentrado “e” do dom de Deus (ainda que os provérbios não raramente prescindam de conectivos, preferindo a justaposição)¹²:

Meu filho, se acolhes minhas palavras
e valorizas os ensinamentos que te transmito,
apresta teu ouvido à sabedoria
e abre teu coração ao discernimento;
se buscares a compreensão,
e por ela ergueres tua voz,
procurando-a como se busca a prata
labutando como se faz por um tesouro,
somente então entenderás o que é o temor de Deus
e poderás alcançar o conhecimento do Eterno.
Pois é o Eterno quem dá a sabedoria;
de Suas palavras emana a percepção e a capacidade de discernir.
(Provérbios 2.1-6).

Para os autores dos poemas e ditos de nossas coleções, a realidade tinha pelo menos dois graus de profundidade: num deles, o mais raso, estava o complexo de segundas causas em dependência e interação umas com as outras, o que incluía o homem, ser ativo; no outro, mais profundo, estava Deus, sendo aquelas causas o efeito contínuo desta primeira. Este era o fenômeno total: o eu situado no mundo - Deus. Uma analogia mais adequada para a relação não é aquela do relógio e do relojoeiro e sim a da narrativa e do escritor. Todavia estamos nos adiantando; antes de continuarmos este parágrafo é necessário esclarecer a gramática básica de sua composição.

¹⁰ Não é necessário que qualquer um desses intérpretes sequer acreditem em Deus, é claro; eles participam de uma cultura (ocidental) em que várias suposições intuitivas (às vezes sobre assuntos aparentemente estranhos ao tema) derivam de modelos da divindade herdados do passado, e que vem à tona, por exemplo, na ocasião de interpretar um desses textos antigos. Para uma excelente articulação desse tema ver a série de palestras ministrada pelo professor de ciência cognitiva John Vervaeke (2019).

¹¹ A esse respeito consultar o artigo de Will Kynes, “Wisdom and Wisdom Literature: Past, Present and future” (2021).

¹² Abaixo veremos por que, num nível literário, a justaposição é melhor para indicar a ação divina do que o uso de conectivos.

2. O Infinito e o Finito em Austin Farrer

Austin Marsden Farrer (1904-1968), filósofo inglês e teólogo anglicano, proferiu, em 1948, uma série de palestras denominadas *The Glass of Vision*¹³. Como ele declara logo no início, o assunto daquelas palestras seria “a forma da verdade divina na mente humana”¹⁴. Nos fundamentos de seu raciocínio, ele articula um modelo metafísico que busca descrever o modo pelo qual o infinito se relaciona com o finito para a mente teísta. Ainda que seu foco fosse o conceito de revelação, vários temas em estudos bíblicos podem ser iluminados pelas molduras propostas, como ele mesmo reconhece¹⁵.

Com efeito, afirmamos que a filosofia de Austin Farrer oferece uma articulação superior da forma como a fé judaica, expressa nos *Provérbios*, concebia o relacionamento de Deus com o mundo criado. Isso nos permite remediar o que consideramos os equívocos interpretativos nos tópicos de retribuição intrínseca e justiça divina, sabedoria como estudo e sabedoria como dom, e, portanto, melhor reconstruir a metafísica do sábio.

Segundo Farrer, o “criador” está para a criação ou para a “natureza”, como a “causa” está para o “efeito”. O criador Deus, a “primeira causa”, é um agente criativo infinito¹⁶, não uma lei impessoal ou um evento primevo ao qual se seguem outros com base numa concepção qualquer de causalidade. Natureza, por sua vez, diz respeito ao “universo de criaturas ou a soma de segundas causas, incluindo o homem”. “A natureza não é natural porque é fixa, mas sim porque consiste na operação verdadeira de segundas causas, sejam fixas ou livres”¹⁷. O homem é uma segunda causa livre, porque é sua prerrogativa natural, dada pelo criador, a inteligência e a escolha voluntária.

A relação entre a primeira e as segundas causas é não só de tipo temporal, mas, sobretudo, de ordem de causalidades, que operam em diferentes profundezas ou em diferentes níveis de realidade. Não é só diacrônica, mas também sincrônica. Conforme o que Rowan Williams, um intérprete contemporâneo de Farrer, denomina “lógica da criaturidade” (*logic of createdness*), Deus concedeu naturezas específicas às suas criaturas que representam diferentes modos de ação do criador, através dos quais ele se revela para a mente teísta¹⁸. Dizer que Deus age por

¹³ Para as palestras de Farrer, utilizaremos a edição crítica de Macswain (2016).

¹⁴ (*ibid.*, p. 15).

¹⁵ (*ibid.*, p. 35-36).

¹⁶ (*ibid.*, p. 22).

¹⁷ (*Ibid.*, p. 16-17).

¹⁸ (WILLIAMS, 2018, p. 3-5).

meio da natureza significa dizer que ele age através das naturezas diversas que caracterizam o universo de segundas causas, incluindo mentes, intenções e escolhas voluntárias. Como conclui Farrer, “A natureza pode ser descrita como Deus atingindo seus objetivos por meio da natureza”¹⁹.

Uma das razões, muitas vezes inarticulada, pela qual alguns intérpretes encontram dificuldades com certos trechos bíblicos é sua concepção de Deus como um habitante a mais, ainda que muito poderoso, do universo. Nesse modo de pensar, ele seria um ser entre outros seres. Deus e a criatura formariam uma dualidade, de modo que, para um ato qualquer, ou a criatura age ou ele. Neste tipo de metafísica, é estranha a ideia de qualquer fenômeno participando de um ato ou energia não pertencentes à própria particularidade concreta das criaturas²⁰. Todavia, conforme a “lógica da criaturidade”, Deus e a criação não se somam, não se subtraem nem competem em qualquer sentido, simplesmente não estão no mesmo nível de realidade. Dois finitos no universo de segundas causas subtraem-se por alguma propriedade incompatível entre si; um deles não consegue manter sua integridade com a sobreposição do outro, mais deste significa menos daquele. Esse não é o caso de infinito e finito. Como Farrer coloca:

Não é de modo algum claro que o finito exclua o infinito no sentido que um finito exclui o outro...Eu animo (*enact*) minha vida, tu fazes o mesmo com a tua; não posso animar a tua nem tu a minha. Mas em algum sentido verdadeiro a criatura e o criador ambos animam a vida da criatura, ainda que de diferentes modos e profundidades; na segunda causa a primeira opera...Assim, o finito não exclui o infinito, como finitos se excluem²¹.

A agência infinita tampouco preenche um vazio entre causas finitas, não entra como um elo a mais entre outros de uma sequência de ocorrências nem substitui um deles, como se pode insinuar em frases comuns como “os médicos fizeram tudo que podiam, agora está nas mãos de Deus”. Neste exemplo anedótico, para além de uma declaração da gravidade do estado do paciente, sugere-se que a agência dos médicos exclua a divina, e que só quando aquela tem fim, esta pode começar. Na “lógica da criaturidade”, tanto a ação dos médicos, como uma sequência qualquer de fenômenos biológicos, representam modos da atividade divina.

Por outro lado, ao dizer que Deus e o universo não formam uma dualidade, deve-se evitar cair no outro extremo de afirmar que são uma unidade, no que teríamos um postulado

¹⁹ (Farrer, 2016, p. 16).

²⁰ (WILLIAMS, 2018, p. 128).

²¹ (Farrer, 2016, p. 35–36).

panteísta²². A alteridade de Deus diante de suas criaturas é um dos dogmas mais bem estabelecidos na Bíblia hebraica. Mas não é necessário permanecer preso entre as paredes deste dilema. A via de duas negações é a escolhida por Williams para descrever essa relação: “uma não identidade não dual”²³, que é um princípio semelhante àquele já sugerido por Nicolau de Cusa no século XV para falar de Deus, *non aliud* – “não outro”²⁴. As segundas causas que compõem o universo finito operam com base em sua própria integridade e lógica, em nada violadas pela afirmação de que dependem inteiramente da primeira causa, e que esta age através delas, sem ser identificada com elas.

3. O Temor do Eterno

Esse modelo permite-nos assimilar vários textos da Bíblia Hebraica, tais como os provérbios:

Quando agradam ao Eterno os caminhos de alguém,
Ele faz com que até seus inimigos lhe concedam paz (16.7);

O coração do rei está nas mãos do Eterno como torrentes de água que Ele
direciona para onde quer (21.1).

O cavalo é preparado para o dia da batalha,
mas a vitória pertence ao Eterno (21.31).

Nesse sentido, deve-se levar em conta a estratégia argumentativa e o modo de expressão próprio dos sábios hebreus nos provérbios, realçados sobretudo nas partes mais antigas da antologia. Uma máxima funciona não apenas sozinha, condensando um entendimento, mas adquire ainda mais densidade e amplitude de sentido ao vincular-se a outras justapostas e ao contexto mais amplo no qual está inserida. Justaposição e contexto geralmente substituem conectivos nessa forma de pensar²⁵. Um provérbio que sugira desdobramentos intrínsecos para o comportamento de um homem interage com outro que afirma a punição do Eterno (e.g.: Provérbios 10.1-3), e com outros mais interpretam a realidade por diferentes ângulos. Às vezes,

²² Pelo menos num sentido recorrente, menos rigoroso, de panteísmo.

²³ (WILLIAMS, 2018, p. xiv).

²⁴ E antes dele, por Tomás de Aquino e outros.

²⁵ (WALTKE, 2019, p. 79–80). No nível literário, a justaposição parece funcionar melhor para expressar essa concepção de Deus, visto que alguns conectivos, como “e”, dependendo da circunstância, podem insinuar que sua ação se soma à de alguma segunda causa.

seções inteiras são justapostas umas às outras. Os provérbios são pequenas joias que juntas compõem um mosaico. No caso do prólogo, vemos a mesma estratégia sendo usada. No capítulo 5, o qual trata do casamento e do adultério, os seguintes versos são postos lado a lado: “Porque os caminhos do ser humano estão sob os olhos do Eterno e é Ele que avalia seus passos. As iniquidades do malévolo o aprisionarão e a corda de seus pecados os enforcará” (21-22).

Enfim, na realidade dos sábios não havia um mecanismo moral intrínseco que funcionava *sem a interferência divina*. É especialmente com esta última parte da frase o problema. Havia, isso sim, uma ordem a qual se arriscava perturbar pela própria conta e risco, estabelecida por Deus e por meio da qual ele agia e se revelava.

O entendimento de que a primeira causa age através das segundas causas é o que está sendo comunicado ao jovem pelo estribilho “O temor do Eterno é o princípio do conhecimento” (Provérbios 1.7). No primeiro capítulo, a sabedoria personificada diz que porque os insensatos, zombadores e tolos ignoraram o seu conselho e não escolheram o “temor do Eterno”, comeram dos frutos dos caminhos deles, saciaram-se dos “próprios conselhos” (Provérbios 1.29-30). O “temor do Eterno”, em contraste aos “próprios conselhos”, é aquilo que os impediria de seguir por um caminho de caos, ruína e destruição, ou seja, de atentar contra a ordem das coisas. O que o sábio deseja inculcar urgentemente em seu discípulo é a sensibilidade de reconhecer-se, a todo tempo, situado diante de Deus, e a partir disso, conhecê-lo, amá-lo, e, por implicação, conhecer a si mesmo e o mundo.

Presume-se que haja diferentes graus de sensibilidade para ação da primeira causa por meio das segundas. Um trecho autobiográfico de Farrer, no qual ele relata o desejo de ser capaz de enxergar Deus nos seus próprios processos de raciocínio, ajuda-nos nessa compreensão.

Eu o veria como a causa subjacente dos meus pensamentos, especialmente aqueles pensamentos em que eu tentava pensar nele. Ousava esperar que, de vez em quando, meu pensamento se tornasse diáfano, de forma que houvesse alguma percepção da causa divina brilhando através do efeito criado, como uma piscina profunda, que aquietando-se, permitisse-nos ver a fonte no fundo, da qual a água jorra²⁶.

O desenvolvimento do temor do Eterno é idêntico ao desta sensibilidade de enxergar um mundo transparente, pelo qual Deus se revela, seja na diligência da formiga (Provérbios 6.6-11), no castigo do adúltero ou na alegria do fiel (Provérbios 5). O pai anseia ensinar os filhos a

²⁶ (FARRER, 2016, p. 19–20).

deixarem de ver os fenômenos do universo, ou seja, a operação das segundas causas, como mera contingência, passando a observá-los como reveladores de uma estrutura arquitetada e governada continuamente por um Deus que tem um caráter específico, sugerido pelo seu nome (יהוה), o qual remete a uma ampla tradição não circunscrita aos provérbios. Ora, o que pode estar mais distante disso do que a sugestão de um nexos de ato-consequência autônomo, que prescindem da interferência divina? Essa visão de um Deus afastado e criaturas mais ou menos independentes é o contrário do tipo de consciência a ser desenvolvida no neófito pelo projeto pedagógico sapiencial.

A virtude do temor de Deus não é estática, antes, deve ser aperfeiçoada; o ensino em vista nos provérbios começa e termina nela. “O temor do Eterno é o princípio da sabedoria”, mas, no trecho citado antes (Provérbios 2.1-6), é dito que se o filho buscasse a sabedoria diligentemente então “entenderia” esse temor e “alcançaria” o conhecimento de Deus. Há o temor do Eterno e há o temor do Eterno com entendimento. O rabino Malbin, ao comentar o prefácio do livro, também interpreta assim quando diz que,

A ‘disciplina moral’ (Provérbios 1.2) e a ‘disciplina da sensatez’ (Provérbios 1.3) referem-se a duas fontes diferentes de ação moral: a primeira jorra do ‘temor de Deus’ que é o medo da punição pelo pecado, enquanto a última é a faculdade mais elevada do temor, é o assombro diante da sublimidade de Deus, que torna o pecado existencialmente ultrajante ao homem consciente desse assombro²⁷.

Na Bíblia hebraica, o temor de Deus, desde seu estágio elementar, é o que opera no coração dos seres humanos para corrigir suas intenções e desejos maus, mesmo onde não haja lei coibindo-os, ou onde até mesmo a lei os recomende. Ao peregrinar por Gerar, Abraão combina com sua esposa Sara que ela minta dizendo ser irmã dele; quando o rei quase leva seu povo à aniquilação por tê-la tomado como concubina e pergunta porque Abraão mentiu, ele diz: “Porque eu pensei que certamente não há temor de Deus nesse lugar²⁸, e me matarão por causa da minha mulher” (Gênesis 20.11). Tendo sido ordenadas pelo rei do Egito a assassinar os recém-nascidos do sexo masculino dos hebreus, “as parteiras desobedeceram porque temiam a Deus” (Êxodo 1.1.17)²⁹.

²⁷ (MALBIN, 1993).

²⁸ אִי־יִרְאַת אֱלֹהִים בַּמָּקוֹם הַזֶּה

²⁹ וַתִּירְאֵן הַמִּצְלֵחַת אֶת־הָאֱלֹהִים

Quando os “filhos” embarcam na jornada de sabedoria proposta pelo sábio, o primeiro passo de seu treinamento é temer a Deus. Na fase incipiente, isso significa adotar a seguinte concepção do Eterno: alguém perigoso, que não deixa pontas soltas, que não falta na punição daquele que anda por veredas alternativas, mas que também recompensa quem o agrada. Aqui o temor tem forte conotação de reverência e medo perante uma autoridade, como se temeria o castigo por desobediência aos decretos de um rei, assentado em poder capaz de punir: “Meu filho, tema ao Eterno e ao rei, não aborreças nem um nem outro, pois deles de repente vem a ruína, quem pode conhecer o desastre que eles infligem?” (Provérbios 24.21-22). Associado ao ensino de estar situado diante de Deus, o jovem é suprido das instruções de comportamento adequadas para a situação, como os levitas recebiam prescrições para seu procedimento no tabernáculo e no templo. Submeter-se em humildade a isso já é considerado um tipo de sabedoria, ainda que, por ora, o filho não entenda os porquês³⁰. “O temor do Eterno é uma fonte de vida para evitar as ciladas da morte” (Provérbios 14.27).

Ao rejeitar essa premissa, o homem não pode ser treinado a ver e viver o mundo do modo correto. Este é o problema dos ímpios. Em diversos salmos com fortes reminiscências dos provérbios, lemos alguns trechos em que o comportamento do malfeitor é precedido por, ou contínuo com, a constatação de que Deus não existe, ou, se existe, não se importa (e.g. Salmos 53; 94.1-7). Nesse caso, se contingentemente não há nenhum outro homem ou autoridade para castigá-lo, se pode fazer o mal com a certeza da impunidade, é tudo que precisa para ser encorajado em seus caminhos tortos.

Ouve, ó Eterno, minha voz quando expresso meu lamento...
Oculta-me do conluio dos perversos
e da conspiração dos ímpios
que afiam suas línguas como espadas,
e como flechas disparam suas palavras cheias de veneno
para alcançar de emboscada o inocente,
*para sem temer atingi-lo.*³¹
Obstinam-se em sua maldade,
Conspiram para instalar armadilhas,
E dizem: “*Quem as perceberá?*” ...
Mas o Eterno contra eles dispara uma flecha
E de pronto os fere.
Sua própria língua lhes provocará o fracasso...
(Salmos 64. 1-6, 8-9; grifo nosso)

³⁰ (FOX, 2010, p. 67–71).

³¹ לֹא יִירָאוּ

O adultério, um tema recorrente na antologia dos provérbios, é o tipo de crime paradigmático nesse sentido. Na calada da noite, em segredo, quando o homem da casa está longe, o adúltero diz “Nenhum olhar me verá” (Jó. 24.15). Mas o pai insiste que os caminhos de um homem estão sempre diante dos olhos de Deus (Provérbios 5.21), quer reconheça isso ou não. A incapacidade de ver-se situado continuamente perante o criador (cf. Salmos 139!) e o desprezo a este ensino levam o homem a iludir-se com os sucessos provisórios da própria sagacidade, enleando-o num ciclo de orgulho, o erro fatal nos provérbios: “A teimosia dos ingênuos os matará, a presunção dos tolos os destruirá” (Provérbios 1.32). O jovem que violou a casa de outro homem, engodado pelas garantias da adúltera de que nada de mal aconteceria, é atingido de repente no fígado por uma seta (Provérbios 7.23; ver novamente à referência à flecha do Eterno no Salmo acima).

Esse orgulho trai uma profunda estupidez. Ressalta-se isso no primeiro capítulo pela referência a um adágio que compara os criminosos com um animal ingênuo: “A rede é esticada sem razão perante os olhos dos pássaros, mas eles ficam de tocaia contra o próprio sangue, espreitam a própria vida” (Provérbios 1.17-18). Até mesmo os pássaros conseguem escapar de uma armadilha que é preparada diante deles, mas esses homens não percebem a armadilha que estão armando contra si próprios pelos seus comportamentos. O jovem adúltero é como um boi que segue sem delongas para o matadouro (Provérbios 7.22).

A ironia do castigo é uma das formas pelas quais o sábio expressa a realidade da justiça do Eterno, que zomba dos zombadores (Provérbios 3.34); o mesmo transparece no riso da Sabedoria face aos que a rejeitaram (Provérbios 1.26). Nesse tipo de punição irônica, o castigo de alguma forma relaciona-se ao crime cometido: o adúltero que agiu na calada da noite é exposto perante a sociedade (cf. Siraque 23.16-21), violou a casa de outro homem, portanto os seus bens, sua mulher, seus filhos e o fruto de seu trabalho são dados a outros (Provérbios 5.9-14).

Há ainda esse curioso paradoxo: no primeiro capítulo, é dito que conquanto os zombadores tenham desprezado o temor do Eterno, eles vivem temendo (Provérbios 1.26-27), ansiosos. O próprio caminho da tolice é uma forma de castigo em vista nos provérbios. “A boca de uma estranha é um abismo profundo em que cairá quem o Eterno amaldiçoa” (22.14). Neste adágio, a maldição de Deus sobre um indivíduo se manifesta no envolvimento dele com o adultério. Uma das formas mais severas de castigo divino consiste em tornar o homem obtuso ao temor a Deus, em entrega-lo aos seus próprios desejos, que corresponde ao momento em que a sabedoria se cala (Provérbios 1. 28), depois de tanto insistir. Esses homens temem,

contingencialmente, uma vingança, a punição das autoridades, a traição dentro da própria gangue, mas não Deus (cf. Provérbios 1. 10-19). O que finalmente os destroi, de forma “repentina” (como armaram emboscada para cair sobre o justo, Provérbios 1.11,18), é precisamente aquilo que temiam. Por outro lado, o homem que teme a Deus vive em segurança, tranquilidade e coragem: “O ímpio foge mesmo que ninguém o persiga, mas os justos são corajosos como um leão” (Provérbios 28.1). É preciso temer para não temer, e este é o primeiro passo para felicidade: “Feliz o homem que teme em todo tempo, mas o que endurece seu coração cairá em desgraça” (Provérbios 28.14).

Conclusão

Este trabalho se insere na esteira das novas abordagens hermenêuticas à literatura de sabedoria, as quais inclusive têm inclusive questionado a própria pertinência do conceito de “literatura de sabedoria”. Oferecemos um método diferente para explicar os adágios aparentemente contraditórios encontrados no livro de *Provérbios*, que ora parecem postular a existência de uma ordem autônoma no mundo, um “nexo de ato-consequência”, segundo o qual certos comportamentos humanos desdobram-se automaticamente em recompensas ou punições, ora afirmam o envolvimento direto de Deus nessas mesmas recompensas e castigos. Em vez de prosseguir e explicar essa particularidade com base na teoria de múltiplos autores com ideologias contrastantes na suposta unidade da antologia, sugerimos que o pesquisador moderno deva considerar primeiro a diferenças de seus pressupostos metafísicos face aos dos sábios hebreus. Nesse sentido, apresentamos um modelo proposto por Austin Farrer, que retoma uma metafísica compartilhada por outros leitores da Bíblia no passado, como Tomás de Aquino e Nicolau de Cusa, a qual, diferente das visões modernas, não considera que Deus seja um habitante a mais do mundo, de modo que se possa somar ou subtrair sua ação com as das criaturas. Considerar estes diferentes modelos metafísicos é muito mais útil para resolver os desafios interpretativos do texto e para a tentativa reconstruir a forma de pensar dos autores antigos. Isso permite não só que o livro de *Provérbios* ou outros textos da literatura de sabedoria, mas também a Bíblia Hebraica como um todo, possam ser lidos de modos alternativos às tradicionais abordagens modernas.

Referências

ALTER, Robert. *The Hebrew Bible: A Translation with Commentary*. New York London: W. W. Norton & Company, 2018.

ALTER, Robert. *The Wisdom Books: Job, Proverbs, and Ecclesiastes*. New York: W. W. Norton & Company, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2003.

FOX, Michael. V. *Proverbs 1 - 9: a new translation with introduction and commentary*. First Yale University Press impression. New Haven London: Yale University Press, 2010.

GORODOVITS, David.; FRIDLIN, Jairo. (Trads.). *Tanah*. São Paulo: Sefer, 2018.

KOCH. Klaus. Gibt es ein Vergeltungsdogma im Alten Testament? in: *Um das Prinzip der Vergeltung in Religion und Recht des Alten Testaments*. Darmstadt, 1972.

KYNES, Will. Wisdom and Wisdom Literature: Past, Present and Future in: KYNES, Will (Org.). *The Oxford Handbook of Wisdom and the Bible*. New York, NY: Oxford University Press, USA, 2021.

LEEUWEN, Raymond. C. V. Liminality and Worldview in Proverbs 1-9. *Semeia*, [S. l.], v. 50, 1990.

MACSWAIN, Robert (Org.). *Scripture, metaphysics, and poetry: Austin Farrer's The glass of vision, with critical commentary*. London: Routledge, Taylor & Francis Group, 2016.

MALBIM, Meir. L. *Malbim on Mishley*. [S. l.]: Feldheim Publishers, 1993.

VERVAEKE. J. *Awakening from the meaning crisis*. Youtube. 23 de janeiro 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLND1JCRq8Vuh3f0P5qjrSdb5eC1ZfZwWJ>>. Acesso em: 05 de março 2025.

WALTKE, Bruce. K. *Provérbios*. 1ª edição. São Paulo: Cultura Crista, 2019. v. 1.

WILLIAMS, Rowan. *Christ the Heart of Creation*. 1ª edição. London: Bloomsbury Continuum, 2018.